

Manual Cívico de Combate e Disciplina: o ensino em Angola sob a égide do MPLA

Claudia Maria Calmon Arruda 

Resumo

Este artigo aborda a instituição do ensino formal em Angola pelo Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), a partir da análise do *Manual Escolar Formação Militante*, elaborado durante a guerra de libertação angolana (1961-1975), destacando seus aspectos morais, cívicos e militares e a conformação de uma história nacional em defesa dos interesses do MPLA.

Palavras-chave: manual escolar, ensino, Angola, MPLA.

Civic Manual of Combat and Discipline: teaching in Angola under the aegis of MPLA

Claudia Maria Calmon Arruda

Abstract

This article deals with the institution of formal education in Angola by the Movement for the Liberation of Angola (MPLA), based on the analysis of the Military Training School Manual, prepared during the Angolan liberation war (1961-1975), highlighting its moral, civic and military aspects and the shaping of a national history in defense of MPLA's interests.

Keywords: school textbook, teaching, Angola, MPLA.

Por uma pedagogia cívico-militar

“Esse modo de escrever a história começa com o nascimento do sentimento nacional e é um instrumento político para coordenar e fortalecer nas grandes massas os elementos que justamente constituem o sentimento nacional.” (Antônio Gramsci) ^{71 59}

A reflexão de Antônio Gramsci sobre a construção da biografia nacional italiana mostra como o nacionalismo – ou aquilo que se deseja como tal – pode ser parteiro da história. No caso estudado, o modelo pedagógico construído pelo Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) durante a luta anticolonial (1961-1975), buscou despertar nos estudantes o sentimento nacional, o espírito combativo e a disciplina.

Durante a luta anticolonial (1961-1975) o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) organizou escolas nas zonas libertadas⁶⁰, com o intuito de alfabetizar, formar novos combatentes e quadros que pudessem assumir postos em um futuro governo independente. Marcados pela precariedade devido à guerra e à escassez de recursos materiais e humanos, esses núcleos de ensino, no entanto, foram pioneiros em disseminar no universo escolar, diretrizes pedagógicas em consonância com os princípios do MPLA, constituindo-se no embrião das políticas educacionais instituídas pelo governo no pós-independência.

Tal modelo pedagógico pode ser reputado na historiografia didática elaborada pelo MPLA no período referido, pautados por ensinamentos que demonstram a convergência entre ensino de história e formação cívico-militar. A proposta deste artigo é examinar estes aspectos, explorando os conteúdos abordados no Manual Escolar Formação Militante, publicado em 1970.

A autoria do manual foi atribuída ao Departamento de Educação e Cultura (DEC), órgão vinculado ao MPLA. Contudo, pesquisas realizadas levam a crer que o livro tenha sido escrito pela socióloga angolana e militante nacionalista, Maria do Céu Carmo Reis⁶¹ que desenvolveu nessas escolas um método de ensino inspirado na sociodramatização, reproduzindo por meio de encenações o cotidiano colonial, a história e protagonismo do Movimento no combate à ocupação portuguesa e regras de conduta. Formação Militante é um manual repleto dessas lições, propostas em formas de esquetes teatrais, elaboradas com o objetivo de orientar professores em sua prática docente.

⁵⁹ GRAMSCI, 2014, p. 89.8

⁶⁰ Zonas afastadas do domínio colonial, onde o MPLA conseguiu formar escolas e bases militares.

⁶¹ No mesmo ano da edição do livro escolar Formação Militante, Maria do Céu Carmo Reis e Artur Carlos Pestana, o Pepetela, ministraram cursos de formação política para os quadros militares superiores do MPLA, em Dolisie (cidade do Congo-Kinshasa, onde o MPLA possuía bases militares). Ela, assim como Pepetela, integrou o Centro de Estudos Angolanos (CEA), órgão que iniciou, em 1965, durante o exílio de militantes nacionalistas angolanos em Argel (capital da Argélia), realizou pesquisas sobre Angola e cuja equipe atuou na redação de diversos textos didáticos.

A Organização dos Pioneiros de Angola

Esperava-se que a sociedade formada em uma Angola livre do domínio colonial replicasse práticas assentadas na disciplina e na militarização, disseminadas durante o processo de aprendizagem formal que também pretendia assegurar a hegemonia intelectual e política do MPLA. Essa intenção pode ser verificada na incorporação pelo livro *Formação Militante*, das normas reguladoras da Organização dos Pioneiros de Angola (OPA), como conteúdo a ser assimilado pelos estudantes:

1. O pioneiro do MPLA é disciplinado e ao mesmo tempo vigilante. Aprende a respeitar os seus superiores e defender constantemente a Revolução.
2. Critica fraternalmente os erros dos camaradas e aceita a crítica de seus próprios erros.
3. Não fala pelas costas, não se ofende quando o criticam.
4. Não é orgulhoso. É trabalhador e modesto. Sabe que tudo que faça não é nada comparado ao sacrifício do seu Povo.
5. Tem a coragem de defender as suas opiniões onde quer que esteja. Não se esconde por medo ou vergonha.
6. Não quer para si aquilo que todos os outros não podem ter.
7. Olha sempre para a frente, avançando para o futuro, tentando ser melhor, mais culto, mais corajoso, mais disciplinado.
8. O seu lema é tudo pelo Povo.
9. Sente como sua as vitórias ou as derrotas dos outros povos do mundo. É internacionalista.
10. Só parará de lutar quando nada mais houver a fazer. E é consciente que haverá sempre [o] que fazer⁶².

A instituição desses dez princípios — que bem poderiam ser chamados de mandamentos — remete aos catecismos cívicos estudados por Circe Bittencourt (2008). A sua função era de substituir a moral religiosa por preceitos laicos, preparando os estudantes para ingressarem na vida social em conformidade com as diretrizes definidas pelo Estado. No caso de Angola a herança religiosa na educação vinculou-se à tradição metodista, base de formação religiosa e escolar de vários líderes do MPLA, inclusive de Agostinho Neto. A rígida estrutura hierárquica e de princípios metodistas se combinou a uma interpretação ortodoxa do marxismo-leninismo, expressa com clareza em *Formação Militante*.

A OPA foi um projeto decalcado da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

⁶² Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=02970.010.012#!14>>. Acesso em: 4 jan. 2018.
ISSN 2526-2882

(URSS), onde, a partir da 3ª série primária, os alunos iniciavam a sua formação como pioneiros. As atividades escolares eram realizadas em conjunto com trabalhos sociais e de cunho cívico, de modo que as crianças pudessem se tornar agentes multiplicadores dos princípios comunistas (BOLDRYIEV, 1951, pg. 44-45). A primeira experiência socialista em larga escala atentou que a transformação das relações sociais de trabalho e a reorganização do poder político, econômico e cultural, seria desencadeada com mais facilidade revolucionando o processo pedagógico. O contato cotidiano das massas com as mudanças operadas pela revolução educacional as levaria à internalização de novos valores e, conseqüentemente, à adoção de práticas sintonizadas com a nova sociedade. Recorrendo a Emile Durkheim (2012), pode-se dizer que o controle das condutas particulares visava suprimir o individualismo, em nome do estabelecimento regular de comportamentos coletivos vinculados a um padrão moral orgânico.

Segundo os registros oficiais, a OPA angolana foi criada em 1963 pelo presidente do MPLA, Agostinho Neto⁶³, com o objetivo de mobilizar crianças e adolescentes para a guerra de libertação, reunindo jovens na faixa etária entre 08 e 15 anos de idade, cuja congregação se dava no interior das escolas. A formação do “homem novo” era o objetivo precípua da OPA soviética, ideia tomada de empréstimo pela pedagogia posta em curso pelo MPLA, retratada logo na capa de Formação Militante.

Formação Militante

Observa-se na capa do manual escolar as representações de uma pessoa vestida com roupas de combatente e a outra desnuda, portando uma lança, em posição de caminhada, cujo destino apontado pela estrela, símbolo do MPLA, é a escola demarcada pela inscrição “D.E.C.” A composição das imagens sinaliza a passagem de uma fase primitiva para uma etapa moderna da sociedade angolana, onde num caminho pavimentado pela educação, os elementos tribais seriam abandonados, dando lugar ao soldado existente em cada jovem angolano.

O manual escolar foi dividido em quatro módulos: 1) “O colonialismo português explora Angola”; 2) “A formação do MPLA - seus objetivos”, acompanhado do subitem “Principais fases da nossa luta”; 3) “Heróis da nossa luta” e 4) “Formação de Pioneiro”. A seleção dos módulos mostra que nessa fase de aprendizagem, o ensino se concentrava na sedimentação do antagonismo ao domínio colonial contraposta às proposições e conquistas do

⁶³ A data de fundação da OPA é correntemente veiculada em matérias publicadas pela Agência Angola Press (ANGOP), órgão de imprensa oficial do governo angolano e consta da página eletrônica da Fundação Agostinho Neto (FAAN). Após o falecimento de Agostinho Neto em 1979, passou a se chamar Organização de Pioneiros Agostinho Neto. Disponível em: <http://www.agostinhoneto.org/in dex.php?option=com_content&view=article&id=1537:2018-12-05-10-25-41&catid=37:noticias&Itemid=206>. Acesso em: 18 mar. 2018.

MPLA.

À guisa de introdução, nas recomendações dadas aos professores no manual, consta o esclarecimento de que os estudantes eram livres para criar as suas próprias composições cênicas desde que em consonância com a linha político-pedagógica da escola. As melhores criações deviam ser registradas pelos docentes e, posteriormente, encaminhadas ao DEC para ampliação e renovação do manual. (DEC, 1970, p. 3). Todos os alunos deviam ser estimulados a participar das dramatizações com alternância nos papéis principais, dando oportunidade a todos de serem protagonistas, sem excluir, entretanto, a sua participação em papéis menores. Assim, os alunos experimentariam por meio dos personagens, o 4º princípio da OPA: “Não é vaidoso. É trabalhador e modesto [...]”.

Imagem 1: Livro Formação Militante

Fonte: www.casacomum.org



As dramatizações contavam com um coro e personagens variados, em sua maioria do gênero masculino. Nas peças, o MPLA aparecia travestido na pele do “ativista”, “dirigente”, “militante” ou mesmo do “presidente” do Movimento. Esses personagens conduziam a trama, explicavam as razões dos problemas abordados nas encenações, como reagir a eles, os

objetivos, feitos e princípios da Frente de Libertação.

A interpretação do problema pelo MPLA, transfigurado em *persona* teatral, precedia o encerramento da trama. Esse papel em algumas peças foi atribuído ao coro, também responsável por sintetizar as explicações apresentadas ao final de cada sociodrama. A síntese elaborada pelo coro consistia no ponto a ser fixado pelos pioneiros, base para a formulação da maioria das perguntas contidas no livro didático.

As recomendações aos professores informavam que: “os exercícios de controle permitem ao professor controlar os conhecimentos dos alunos. Os exercícios “completa a frase” permitem ao aluno controlar os seus próprios conhecimentos.” (MPLA, 1970, s/n).

Título: Perguntas de Controle

<p>CORO: (Todos)</p> <p>PARA FIXAR</p>	<p>Nós todos somos explorados porque somos ANGOLANOS. O nosso inimigo comum é o colonialismo português. Para lutarmos, temos de lutar unidos. Só unido o POVO ANGOLANO vencerá o colonialismo português.</p>
<p><u>Perguntas de controle</u></p> <p>1º Qual é o nosso inimigo comum? 2º Porque somos todos explorados? 3º Como devemos lutar? 4º Como é que poderemos vencer o colonialismo português?</p>	
<p>Completa a seguinte frase:</p> <p>O povo angolano tomou consciência de que era preciso lutar contra o colonialismo que é a causa da exploração económica, da falta de assistência, do e do</p>	

Fonte: www.casacomum.org

Nota-se a adoção do exercício baseado no método catequético com perguntas e respostas “O método catequético tem origem no humanismo clássico e objetivava “aprender de cor” as causas e efeitos de determinados acontecimentos” (BITTENCOURT, 2008, p. 194). numa preocupação ancorada no princípio “de que em todas as aprendizagens tudo passa pela reflexão que classifica, identifica, assimila, constrói e controla a todo momento o processo de elaboração do conhecimento” (CHERVEL, 1990, p. 200).

Há que se pensar na dimensão do exercício escolar em uma organização como a OPA,

cuja essência era monitoramento de seus membros:

[...] tornam-se tarefas de complexidade crescente que marcam a aquisição progressiva do saber e do bom comportamento, o esforço de toda comunidade para a salvação torna-se o concurso coletivo e permanente dos indivíduos que se classificam em relação aos outros. Foram talvez processos de vida e de salvação comunitárias o primeiro núcleo de métodos destinados a produzir aptidões individualmente caracterizadas, mas coletivamente úteis. (FOUCAULT, 1975, p. 137).

Responder às “perguntas de controle”, completar frases se inserem como uma forma de fixar leituras e ações para a sociedade, seguindo a ordenação dos valores criados pelo MPLA.

O colonialismo português explora Angola

No sociodrama que abriu o módulo I, os diálogos iniciais foram travados entre um agricultor e o “capitalista” da COTONANG⁶⁴. A crítica era dirigida à apropriação das matérias-primas angolanas por empresas portuguesas, aos baixos valores pagos aos agricultores e ao sistema capitalista. A remuneração recebida pelos camponeses era insuficiente até mesmo para adquirir os frutos do seu trabalho, numa alusão à mais-valia, conceito marxista que explica a diferença entre o custo da produção, o valor final do produto e o salário pago ao trabalhador. Noção explicada pelo “ativista” a um camponês frustrado em sua intenção de adquirir tecidos para os filhos:

Foste explorado, camarada. O tecido que querias comprar é feito de algodão, desse algodão cultivado com o teu próprio esforço. Tu vendeste esse algodão à companhia. Ele foi enviado para Portugal. Aí ele foi transformado, nas grandes fábricas, em tecidos. Esses tecidos voltaram para Angola e custam muito caro (DEC, 1970, p. 3).

Uma outra proposta de aula tinha como cenário uma companhia pesqueira. A apropriação dos recursos naturais angolanos pelos colonos portugueses incluiu falas que confrontaram o pensamento de gerações diferentes, representadas pelos personagens “o velho operário” e o “jovem operário”. Ao receber como refeição funge⁶⁵ com molho de peixe podre, o pescador mais novo externou descontentamento: “Comer peixe podre, quando nós pescamos tanto peixe fresco! Sim porque fomos nós que pescamos” (DEC, 1970, pg 7). A indignação do jovem encontrou o conformismo do seu companheiro que argumentou ter sido sempre assim. Sua fala provocou a intervenção do “ativista”:

Eles não poderiam fazer de outra maneira; senão perderiam dinheiro. O

⁶⁴ Empresa luso-belga que explorava a produção de algodão em Angola.

⁶⁵ Pirão feito com farinha de milho ou de mandioca.

trabalho é este explorar-nos o mais possível para ganharem o máximo de dinheiro. E o nosso trabalho é este: lutarmos o mais possível para expulsarmos os colonialistas da nossa terra⁶⁶.

O trabalhador jovem não discordou do pescador mais velho, tampouco fez objeções a sua fala, mas os diferentes pontos de vista mostraram a oposição entre o antigo modo de agir frente ao colonizador e a contestação introduzida pelas mãos do MPLA.

O racismo entra em cena

O racismo foi apresentado como um elemento da exploração colonial em Angola, sendo reproduzido em peças que simulavam uma sala de aula, o mercado de trabalho e um estabelecimento comercial, demonstrando como o preconceito racial estava presente no cotidiano.

A primeira encenação simulou uma aula de história na qual Diogo Cão foi apresentado pela professora como um civilizador que levou a fé católica aos “gentios”, aproveitando para mostrar a visão redutora do ensino colonial em relação ao nativo. O preconceito racial apareceu num momento da peça em que a professora aplicou reguadas injustamente num estudante negro, ignorando o fato de um aluno branco cantar durante a aula⁶⁷.

O segundo sociodrama envolvendo a temática racial, envolveu dois trabalhadores, um branco e outro negro. Ambos se candidataram a uma vaga de emprego, com o negro logo sendo dispensado por “não valer a pena” (DEC, 1970, pg 11). Na terceira peça, um comerciante português atendeu de imediato o cliente branco, que chegara depois do negro fazendo questão de mencionar: “[...] Estes negros sempre apressados, até parece que trabalham muito!” (DEC, 1970, p. 13).

Mostrado o racismo que invadia o cotidiano dos angolanos, a falta de hospitais, escolas e a exploração sofrida pelo trabalhador, o encerramento do módulo I reuniu todos os protagonistas das peças anteriores, que em falas individuais afirmaram a necessidade de uma luta em conjunto para combater os problemas narrados anteriormente. A síntese ditada pelo coro, concluiu que eles deveriam combater o colonialismo unidos, pois as adversidades enfrentadas pelos personagens possuíam a mesma raiz e um inimigo em comum, não importando as suas ocupações ou origens regionais:

O Cultivador: - Eu sou um cultivador da BAIXA DO KASSANGE, sou explorado pelo colonialismo português, porque sou ANGOLANO.

Operário da pescaria: - Eu sou um operário das pescarias de MOÇÂMEDES [Namibe], sou explorado pelo colonialismo português porque sou ANGOLANO.

⁶⁶ DEC, 1970, p. 7.

⁶⁷ Ibid., p. 11.

O miúdo Kahina: - Eu sou um miúdo de LUANDA, que não tem direito à cultura, porque sou ANGOLANO.

Mãe do Pedro: - Eu sou uma camponesa do UÍGE, a quem recusaram tratar o filho porque sou ANGOLANA [...] (DEC, 1970, p. 15).

E assim se sucederam as falas com personagens oriundos de todo o território angolano, tendo o DEC feito questão de grafar em maiúsculas a palavra “angolano” e a região de origem de cada um, frisando a defesa da unidade, peça capital no programa político do MPLA.

A formação do MPLA e seus objetivos

A trajetória do MPLA foi narrada em três sociodramas: 1) Formação do MPLA; 2) Os objetivos do MPLA e 3) Principais fases da nossa luta. A primeira exaltou o sentimento de unidade do Movimento e a sua capacidade de aglutinar outros grupos numa única frente, reproduzindo a narrativa criada sobre a fundação do grupo na década de 1960.⁶⁸

Os objetivos do Movimento foram narrados em uma única cena, com falas curtas, contendo apenas perguntas e respostas sucintas, como num jogo:

O Responsável: - O MPLA luta pela independência completa de Angola.

Um Militante: - O que significa independência completa?

O Responsável: - A independência completa é a independência política e a independência econômica.

Um Militante: - E o que quer dizer independência política e independência econômica?

O Responsável: - Independência política: quando o nosso país tiver um governo formado por angolanos, tiver a sua bandeira, o seu hino.

Independência econômica: são as nossas riquezas: algodão, café, açúcar, ferro, diamantes pertencentes ao povo angolano e não aos capitalistas estrangeiros; os colonialistas e os imperialistas. E o nosso país ficará tão desenvolvido que verá escolas, hospitais, livros, casas, para todos (DEC, 1970, p. 18-19).

A forma resumida não significou um descuido com a história do MPLA, ainda em construção, seu intento era destacar os pontos considerados mais relevantes naquele momento, e mostrar aos pioneiros, as novas possibilidades de vida decorrentes da independência.

Nas principais fases da luta anticolonial a abertura da frente militar de Cabinda ganhou ingredientes fabulosos: “Era um grupo de 15 jovens. [...] O seu chefe [Hoji Ia] HENDA. As armas eram poucas. Dos 15 jovens só 7 iam armados. Mas eles levavam uma arma poderosa: a coragem e a audácia de uma juventude em revolta” (DEC, 1970, pg 22). A linguagem metafórica utilizada nesse sociodrama se assemelha aos contos, onde personagens representados por animais ou seres mágicos desfiam regras de comportamento, virtude e moral, possibilitando

⁶⁸ Ver BITTENCOURT, Marcelo. A Criação do MPLA. In: Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, CEAA/UCAM, n. 32, dez. 1997. p. 182-208.

que os seres humanos neles se reconheçam (BERNAT, 2008, p. 189).

Os guerrilheiros não eram distantes dos pioneiros, participando inclusive das aulas, porém os estudantes precisavam ser familiarizados com os confrontos dos campos de batalha, ou melhor, a sua idealização⁶⁹. A linguagem que imprimiu poesia à falta de armamentos e aos riscos dos combates, fez de Henda, guerrilheiro morto aos 27 anos de idade em combate, o exemplo modelar, a ser seguido pelos jovens pioneiros, num processo de aprendizagem por imitação, metodologia comum no ensino das classes infantis (BITTENCOURT, 2008, p. 195).

A fantasia não se restringia à linguagem, o próprio conteúdo do livro distorcia a realidade, como no tópico a “Frente Norte é reforçada”:

Coro: - A direção do nosso Movimento tomou a decisão de reforçar e reorganizar a 1ª região, enviando clandestinamente dois esquadrões: o Cienfuegos e o Kami.

[...]

Coro: - A entrada do esquadrão Cienfuegos: a viagem foi difícil. Mas o esquadrão chegou ao seu destino. E o povo contente faz festa uma semana. Era em outubro de 1966.

CENA II

Coro: - Em 1967, um novo esquadrão partiu para a Frente Norte (vê-se o esquadrão partir, atravessar as matas, fugindo à UPA [FNLA], na fronteira, o esforço e as dificuldades, até chegar ao seu destino).

Coro: - O nosso Movimento tomou a decisão de reforçar a Frente Norte. Em outubro de 1966 entrou o esquadrão Cienfuegos. Em Março de 1967 entrou o esquadrão Kami (DEC, 1970, p. 25).

Mabeko Tali (2001a) expôs as dificuldades experimentadas pelos esquadrões mencionados na peça. O destacamento Cienfuegos – em homenagem a Camilo Cienfuegos, um dos comandantes da Revolução Cubana – com noventa e seis homens, chegou a 1ª Região Político Militar em número bastante reduzido. Dos duzentos guerrilheiros que formavam o esquadrão *Kami*, apenas vinte e sete teriam sobrevivido, mortos pela fome ou pelas tropas da Frente Nacional pela Libertação de Angola (FNLA), rival do MPLA. Outras ações se repetiriam sem sucesso, marcando a vivência dos guerrilheiros dessa região pela extrema carência de víveres e equipamentos militares.

A cada sociodrama, a Frente de Libertação avançava na luta, sem mencionar ainda derrotas ou mortes. Os pioneiros, por sua vez, aprendiam sobre as frentes de combate, quais localidades integravam cada região militar. Nas peças também iam surgindo novos personagens. Entraram em cena o “camarada”, o “militante”, “dirigentes”, “jornalistas do MPLA” e até o seu presidente.

O estudo de Dulce Pandolfi (1995) sobre o Partido Comunista Brasileiro (PCB)

⁶⁹ Nas recomendações de Formação Militante constava o indicativo de que caso o número de estudantes fosse insuficiente para compor o elenco, os guerrilheiros e alunos de outras escolas deveriam participar dos sociodramas (DEC, 1970, n. p.).

mostrou que pertencer aos seus quadros significava comungar um estilo de vida, rompendo com o mundo ao redor, em níveis de maior ou menor profundidade:

[...] um eleitor é distinto de um simpatizante, que por sua vez, é distinto de um militante de base e de um dirigente — entrar para um partido comunista é, sobretudo, adotar o ‘espírito do partido’. Pressupõe não apenas um envolvimento político, mas existencial. (PANDOLFI, 1995, p.36)

Esses códigos não apareceram casualmente nas encenações, era necessário que os pioneiros dominassem o jargão peculiar à militância e a hierarquia dentro do Movimento e soubessem o seu lugar dentro dela. Na sociedade angolana encenada nas aulas até o jornalista era um membro do MPLA, fora da Organização os únicos papéis que restavam eram aqueles ocupados pelos adversários.

O manual em sua divisão interna soube verticalizar o ensino, estabelecendo conexões diretas entre os temas tratados. As penúrias e mortes enfrentadas nas frentes de combate foram tratadas no módulo seguinte, sob o título sugestivo de “heróis”.

Heróis da nossa luta

A emergência da guerra não podia retroceder a um passado longínquo, era indispensável que a história fornecesse exemplos legitimadores da causa (a luta anticolonial) e do próprio MPLA. Os sociodramas do módulo demonstram a tessitura de uma memória em meio à guerra, que deveria servir de fonte para uma futura história nacional e de estímulo à luta.

As aulas circunscreveram histórias de guerrilheiros e pioneiros que teriam lutado doentes até perecerem nos campos de batalha, sucumbindo em emboscadas, em confrontos com as forças inimigas ou armando bombas, caso do guerrilheiro Kami que deu nome ao esquadrão mencionado anteriormente.

Os roteiros descreviam simulações de “corpos no chão”, cenas de combate, informações de que em casos de doença, na mata não teriam medicamentos, apenas “coragem e sacrifício” (DEC, 1970, p. 29). A morte física dispensava lágrimas ou receios, pois a ela sobrevinha uma vida exemplar, imortalizada pelo ato heroico que deveria ser seguido:

Kami, sabotador heroico. Não te choraremos. Seguiremos simplesmente o teu exemplo. Que cada um de nós seja um Kami. [...] Tomás Ferreira [pioneiro], tu não morreste. Na nossa inteligência e na nossa vontade, tu estarás sempre presente. Continuemos a ação (DEC, 1970, p. 20-30).

O universo dos pioneiros se aproxima do “ser comunista”, sentimento universalista compartilhado por aqueles que se identificaram com os princípios que culminaram na

Revolução Russa de 1917, segundo Pandolfi (1995). A “cultura comunista” se expressa pela tradução canônica da teoria marxista-leninista como verdade irrefutável, a exigir dos seus pares “a abnegação, o sacrifício pessoal, a renúncia ao comodismo, a devoção integral à causa [...] o comunista tem de ser antes de tudo um bravo. Deve cultivar o estoicismo e ter uma grande capacidade de resistir ao sofrimento.”

Os relatos incluíram a história de José Mendes de Carvalho, conhecido pelo codinome Hoji Ya Henda, morto em 14 de abril de 1968 durante o ataque ao quartel militar do exército colonial português na província do Moxico:

Uma voz: — Henda é um exemplo de coragem...
Outra voz: — De disciplina...
Uma voz: — De audácia...
Outra voz: — De abnegação...
Uma voz: — De honestidade absoluta...
Outra voz: — Total espírito revolucionário... (PANDOLFI, 1995, p.31)

Em homenagem a Henda, no dia 14 de abril se comemora o Dia da Juventude em Angola. A morte tomou o lugar do nascimento na celebração da juventude angolana, numa mostra simbólica do significado da vida em tempos de guerra.

Outro herói que integrou o panteão criado pelo manual foi o pioneiro Augusto Ngangula, dono de uma história controversa⁷⁰, que teria sido capturado a caminho da escola por soldados portugueses, que o mataram a golpes de machados diante de sua recusa, mesmo sob tortura, em revelar o local de sua escola e da base militar do MPLA.

A data em que Ngangula teria sido morto, 1º de dezembro de 1968, também foi transformada em efeméride comemorativa do Dia do Pioneiro Angolano. Causa espécie, a coincidência entre a data da morte de Augusto Ngangula, transformada no “Dia do Pioneiro”, e a fundação da OPA. A trajetória impecável do menino refletia a Organização, ou melhor, se tornou produto dela.

Circe Bittencourt (2008), ao apresentar as discussões que envolveram o ensino de história para crianças no Brasil, mostrou que uma das soluções encontradas foi principiar a disciplina com o estudo dos heróis, suas realizações e curiosidades. O aspecto biográfico da abordagem despertaria o interesse das crianças, acrescido do aspecto positivo de mostrar a concretude de um conteúdo ainda muito abstrato para as classes primárias. A solução brasileira refletia uma tradição historiográfica novecentista, sobretudo francesa, de que o ensino nas séries iniciais devia ser pautado pela memorização dos vultos nacionais e das

⁷⁰ A morte de Augusto Ngangula foi descrita com detalhes impossíveis de serem conhecidos, uma vez que em outros documentos produzidos pelo MPLA, consta que ele estava sozinho quando foi morto. Ver: MPLA, Dia do Pioneiro Angolano, 1971. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=02970.010.012>>. Acesso: em: 02 Fev. 2016.

grandes realizações, conforme assinalou Toledo (2004), servindo de suporte para a construção de uma história nacional.

Tomando como parâmetros estas análises, em Angola, os heróis da luta anticolonial serviram de base para a organização de um calendário cívico, um dos instrumentos pedagógicos mais usuais e poderosos das revoluções: o controle do tempo, fundamental na organização da vida civil. Esses recursos subsidiaram a construção de uma memória coletiva que no pós-independência nutriu com vigor a sociedade e a história nacional angolanas.

Formação de Pioneiros

Os sociodramas apresentaram situações em que pioneiros se portavam de forma contrária aos princípios da OPA, exibindo falhas morais (indisciplina, dispersão, preguiça, falsidade, desrespeito aos superiores, orgulho, etc.). Nos diálogos elaborados, os desvios de conduta eram, em geral, apontados por um outro estudante. Agradecido o pioneiro ou pioneira que incorreu na falha admitia o seu erro, logo sucedido pelo coro que entoava a regra a ser fixada.

Nesse módulo, destaca-se o uso do 5º princípio. Ele era usado para controlar as críticas à direção do MPLA, num momento em que a organização atravessava dissidências internas, fruto do descontentamento dos soldados da Frente Leste ⁷¹com a postura dos chefes militares, culminando na “Revolta de Jibóia” em 1969 (TALI, 2001a). Era, por isso mesmo, importante instruir os pioneiros na condução de suas críticas e na defesa do MPLA:

Militante: - A direção do nosso Movimento só comete erros. Aqui no Movimento só se vê bandalhas.

O Kahina: - Camarada, não tens o direito de falar assim... Além disso, as tuas críticas são pouco precisas. Dá-me exemplos concretos de bandalhas e erros cometidos pela Direção do Movimento.

Militante: - Ora. Há tantos, que nem têm conta.

O Kahina: - Essa crítica, assim não serve. Quando uma pessoa crítica, camarada, critica, para corrigir e não para fazer confusão. O camarada vê os erros, mas não tem coragem de falar numa reunião sobre eles. Ainda por cima fala sem previsão. Isso está errado.

Militante: - Mas, afinal, um miúdo como tu atreve-se a discutir comigo?

O Kahina: - Sou miúdo, mas também sou pioneiro. Sou militante do MPLA e como militante tenho o direito e o dever de defender as minhas opiniões onde quer que eu esteja desde que elas sejam corretas. E, neste caso, elas são-no.

O Militante: - Estes miúdos de agora dão-nos muita lição. Obrigado miúdo Kahina, pelo teu exemplo de coragem revolucionária (DEC, 1970, p. 38).

A fala dos personagens contém lições implícitas relacionadas à democracia presente no Movimento, sua suposta abertura às críticas e a forma correta de expô-las por meio de

⁷¹ Aberta em 1966, a Frente Leste era formada pela 3ª, 4ª e 5ª regiões, abrangendo os territórios do Moxico e Cuando Cubango (3ª RPM), Lunda norte e sul e Malange (4ª RPM), Bié, Huambo, Benguela e Kwanza Sul (5ª RPM) (TALI, 2001a, p. 119-126).

reuniões da militância. O sociodrama mostrou, ainda, que a autoridade da opinião dos pioneiros advinha da sua militância desde, é claro, que fosse a “correta” como argumentou o personagem Kahina. Foi com essa sintonização dos discursos entre os estudantes e o MPLA que o livro encerrou os seus ensinamentos.

Conclusão

O ensino formulado em Formação Militante recupera a tradição novecentista de ancorar a educação moral e cívica à história nacional, a fim de modelar os cidadãos às normas instituídas pelo Estado, ancorado em práticas inspiradas no rigor e na disciplina comunista.

A sociedade angolana idealizada nesse manual escolar ignorava as particularidades regionais, étnicas e culturais. As famílias eram monogâmicas, o coletivo operário designava os trabalhadores urbanos, distinguidos apenas pelos cultivadores ou camponeses, cuja labuta era no campo, seguindo a divisão clássica marxista, unificando-os enquanto sujeitos da mesma exploração.

Resquícios da “velha sociedade”, as falas das mulheres eram curtas. De um total de seis sociodramas, apenas três papéis eram femininos: dois de esposa/mãe e um de professora, a quem coube lecionar apenas para meninos. As questões discutidas eram sempre narradas por homens que ouviam de outro igual, “o ativista”, os motivos de suas adversidades.

Distinguidos o inimigo e traçados os laços comuns que, segundo o MPLA, unia todos os angolanos, encobrindo o “tribalismo” e tropeçando nas contradições ditadas pela desigualdade de gênero, *Formação Militante* buscou corporificar nas aulas o “homem novo”, deixando impresso uma escrita da história angolana de caráter unicista.

Referências

- ANDRÉ, R. H.. O ensino de história em Angola entre 1960 e 2012: evolução, formulação de professores e cooperação internacional. 2014. **Tese** (Doutorado em História) - Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto.
- BITTENCOURT, C. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BOLDRYEV, N. I. **A formação da Moral Comunista**. Moscou: Sociedade de Divulgação de Conhecimentos Políticos e Científicos, 1951.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa, **Teoria e Educação**, n. 2, pp. 177-229, 1990.
- CHOPPIN, A. O historiador e o livro escolar. In: **Revista História da Educação**, v. 6, n. 11,

Pelotas, jan./jun. 2002.

_____. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da Revista Educação*, Pelotas, vol. 13, n. 27, pp. 9-75, Pelotas, Jan.-Abr., 2009.

DURKHEIM, É. **A educação Moral**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

FIGUEIREDO, F. B.. Entre Raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos (1964-1980). 2012. **Tese** (Doutorado em Estudos Étnicos-Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FURET, Fs. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, 1982.

GRAMSCI, A. **O ressurgimento e a unificação da Itália**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KEBANGUILAKO, Dinis. A Educação em Angola: sistema educativo, política públicas e os processos de hegemonização e homogeneização política na Primeira República: 1975-1992. 2016 (**Tese**). (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2016.

NETO, M. da C.. Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX, **Lusotopie**, n. 4, pp.327-355, 1997.

NOBRE, I. S..1917 e a tentativa de construção do homem novo, Niterói. **Marx e Marxismo**. Publicação do Núcleo Interdisciplinar sobre Marx e Marxismo, vol. 6, n. 10, pp. 44-66, Jan./Jun. 2018.

PANDOLFI, D. C.. **Camaradas e companheiros: memórias e história do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Roberto Marinho, 1995.

PAREDES, M.. Deolinda Rodrigues, da Família Metodista à Família MPLA, o papel da cultura na política. In: **Caderno de Estudos Africanos** [online], n. 20, 2010. p. 11-26.

TOLEDO, M. A. L. T.. A história ensinada sob o império da memória: questões de história da disciplina. **História**, n. 23, pp. 04-21, São Paulo, 2004.

Biografia Resumida

Claudia Maria Calmon Arruda: graduada em história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em história social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professora de história da rede pública municipal do Rio de Janeiro e também integra o Laboratório de Estudos Imigratórios (LABIMI) da UERJ, onde se dedica a pesquisa sobre

a imigração de mulheres angolanas para o Rio de Janeiro.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2163404930395717>

Contato: cmcalmon@yahoo.com.br